

Editorial

Sérgio Niza

As sucessivas vitórias da mundialização liberal, também chamada de forma neutralizadora de *globalização*, vêm impondo à vida «a mercantilização generalizada de qualquer bem ou serviço».

A Nova Zelândia, por exemplo, foi o país rico que mais longe levou as regras neo-liberais do mercado, aplicando-as à função educativa que classicamente pertencia ao Estado. No fim dos anos oitenta e sob a responsabilidade de um governo trabalhista (vejam lá!) foram privatizadas as escolas. Chamaram-lhe, então, *a reforma das escolas de amanhã*. Reforma processada ao longo dos anos noventa.

Em meados da década, porém, pressionado pela opinião pública, o governo foi obrigado a apoiar cerca de um quarto das escolas que, por efeito de uma desenfreada concorrência, degradavam cada vez mais a qualidade do seu trabalho de educação. Tratava-se das escolas das áreas mais pobres e degradadas das regiões periféricas. Um governo, dito democrático, de tradição socialista, como muitos outros, cavou, despodoradamente, mais ainda, o foço que separa as classes média e superior dos pobres, assim também pobres para amanhã. Aqui temos o exemplo ao vivo das escolas ao serviço

do mercado, como poderosos empresários portugueses e alguns ex-ministros mediáticos desejam para o futuro dos nossos filhos.

Nós, porém, no MEM, continuaremos a bater-nos pela formação de professores democratas que criem e desenvolvam escolas democráticas.

Contraditoriamente, quanto mais se expandem a adopção das liberdades fundamentais, os valores e a convivência democráticas, mais acelera a mundialização prepotente das regras da mercantilização dos homens e das mulheres. Para os cultores da nova economia, os homens e as mulheres são considerados hoje meros «recursos» da actividade económica. Esvai-se a ideia do trabalho humano, transformador e criativo. Os humanos são apenas empregáveis ou não.

É neste contexto que o nosso trabalho de profissionais construtores de escolas democráticas se impõe, como um desafio que parece transcender-nos. Sabemos, porém, de experiência feita, no quotidiano das nossas vidas, que essa utopia é alcançável. Havemos de aperfeiçoar a persistência. Se a democracia nas turmas foi possível, a democracia da escola também o será!